

## Relatório de Gestão – Dez/20

### Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% DEZ/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
<b>RIO MACRO FIC DE FIM</b>	0,52	-2,24	-2,24	53,50
<i>VS. CDI</i>	<i>317,24</i>	<i>-</i>	<i>-81,27</i>	<i>103,36</i>

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% DEZ/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
<b>Caixa</b>	0,24	1,54	1,54	45,92
<b>Juros</b>	-0,02	0,32	0,32	26,46
<b>Moedas</b>	-0,07	3,01	3,01	0,97
<b>Bolsa</b>	0,72	-5,01	-5,01	0,14
<b>Ativos externos</b>	-0,14	-0,85	-0,85	-2,75
<b>Custos</b>	-0,22	-1,26	-1,26	-17,24
<b>Total</b>	0,52	-2,24	-2,24	53,50

Em dezembro nós mantivemos as posições compradas em inflação implícita e em Bolsa no Brasil, esta parcialmente *hedgeada* pela venda de S&P futuro. Adicionamos à carteira posições vendidas em dólar contra o real e contra o yuan.

No âmbito global, as perspectivas para investimentos em ativos de risco seguem positivas. Nos EUA, a conquista das últimas duas cadeiras no Senado por parte dos democratas que fez com que estes obtivessem maioria na casa – considerando o desempate da vice-presidente – aumenta a probabilidade de se aprovar um pacote fiscal mais robusto para enfrentar os efeitos contracionistas da pandemia. Uma política fiscal mais expansionista aliada a uma política monetária frouxa por parte do FED deverá manter o dólar mais depreciado do que no passado recente, além de propiciar um ambiente mais favorável às commodities. Os demais países desenvolvidos também devem contribuir para a ampla liquidez global permitindo assim que os países emergentes e exportadores de commodities tenham pleno acesso a financiamento.

No que concerne à pandemia, as vacinas já começaram a ser aplicadas em uma série de países e, a princípio, devem ser eficazes mesmo contra as mutações recentes do vírus. Nos mercados globais, esta realidade e a perspectiva de que os programas de vacinação acelerem já neste 1º semestre têm se sobreposto à 2ª onda que tem atingido diversas regiões e tem levado muitos governantes a impor restrições à mobilidade social.

No Brasil, começou a campanha pela presidência da Câmara e do Senado, que, dependendo do resultado, pode definir os rumos das reformas estruturais a serem votadas. No curto prazo, os mercados

devem se guiar pelos sinais emitidos pelos candidatos – além é claro dos fluxos externos – embora, em nossa avaliação, o mais provável é que não haja grandes reformas nem irresponsabilidade na condução da política fiscal. O Banco Central, por sua vez, deveria começar a sinalizar um ajuste da Selic para um nível de juros reais em torno de zero, uma vez que a inflação para este ano e o próximo já migraram para a meta –após um período de *undershooting* no auge da pandemia - e os riscos agora estão assimétricos para cima. A alta nos preços das commodities ainda não se traduziu em um câmbio mais apreciado em função do diferencial de juros e dos riscos fiscais.

Portanto, acreditamos que o cenário externo é construtivo no médio prazo e tende a prevalecer, porém, nas próximas semanas estaremos sujeitos a ruídos políticos locais que podem trazer alguma volatilidade. Um risco a ser monitorado é a elevação da curva longa de juros nos EUA, que tem causado impacto negativo nos ativos de risco nessa 1ª semana do ano. O programa de compra de títulos do FED tende a frear a alta das taxas.

Nossas cartas de meses anteriores também estão disponíveis no site: [www.riogestao.com.br](http://www.riogestao.com.br).

**Atenciosamente,**

**Equipe Rio Gestão de Recursos.**